



Um revolucionário amoroso, tolerante, bem humorado e radicalmente democrático: saudades de Paulo Freire

Entrevista com Lisete Regina Gomes Arelaro¹ , por Sandro de Castro Pitano²  e Alexandre Saul³ .



Prof. Dra. Lisete
Arelaro

Breve currículo: A professora Lisete Regina Gomes Arelaro, da Universidade de São Paulo, SP, é Pedagoga e Doutora em Educação. Foi professora e diretora de escola nos ensinos fundamental e médio. Fez parte da equipe do Prof. Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1992) e foi Secretária de Educação, Cultura, Esporte e Lazer em Diadema/SP (1993-1996 e 2001-2002), Diretora da Faculdade de Educação da USP (2010-2014) e Presidente do Fórum Nacional de Faculdades e Centros de Educação Públicos-FORUMDIR (2012/2014). Atualmente é Professora Titular Sênior da

Faculdade de Educação da USP, presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Financiamento da Educação (FINEDUCA) e pesquisadora na área de Política Educacional, Planejamento e Avaliação Educacional, Financiamento da Educação Básica e Educação Popular.

INTRODUÇÃO

O pensamento de Paulo Freire vem sendo reconhecido por educadores de todo o mundo como uma possibilidade valiosa de resistência ativa, crítica e criativa, não apenas no âmbito da educação, mas também da política mais ampla. No ano em que são completados 20 anos da morte desse educador, honrar sua práxis libertadora implica uma série de ações, entre elas, recuperar e recontar partes importantes de sua trajetória a partir da voz de educadores e

¹ Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP). Av. da Universidade, 308, Butantã, São Paulo, SP. E-mail: liselaro@usp.br

² Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Rua Gomes Carneiro, 01, Centro, Pelotas, RS. E-mail: scpitano@gmail.com

³ Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação; Universidade Católica de Santos (UniSantos). Av. Conselheiro Néboas, 300, Vila Matias, Santos, SP. E-mail: asaul@hotmail.com

educadoras que tiveram a oportunidade de com ele conviver e trabalhar por uma sociedade mais justa e democrática.

Em tempos grande instabilidade política, de “assalto à educação pública”, de recrudescimento do autoritarismo na escola, como é possível constatar por meio do aumento do número de escolas públicas militarizadas em diversos estados brasileiros, do crescimento do movimento “Escola sem Partido”⁴, e do fortíssimo *lobby* de “reformadores empresariais” por políticas privatistas e de precarização curricular e do trabalho docente, em nível nacional, refletir sobre elementos do pensamento de Paulo Freire que ajudem a compreender e a enfrentar retrocessos pedagógicos, medos e conflitos, torna-se um esforço necessário para gestar uma esperança coletiva que possa ir além de uma “pura espera” por dias melhores.

Nesta inspiradora entrevista, realizada em maio de 2017, são apresentadas memórias, análises e percursos trilhados pela profa. Lisete Arelaro, ao lado de Paulo Freire, decorrentes de sua aproximação com a pedagogia freireana, do seu tempo de formação e militância política, e dos anos de amizade e convivência com o Patrono da educação brasileira.

1 A ENTREVISTA

Sandro de Castro Pitano e Alexandre Saul - Como foram as suas primeiras aproximações com o pensamento de Paulo Freire?

Lisete Arelaro - Eu era bem jovem, nós estávamos na década de 1960, e logicamente era um momento que o Jango Goulart tinha assumido a presidência da República, Paulo Freire já era notícia nacional e, em Campinas, eu estava fazendo o curso Normal, o nome que o Darcy Ribeiro tanto gostava de chamar os Cursos de Formação do Magistério para as séries iniciais. Naquele tempo chamava mesmo curso Normal, e eu tinha uma atuação na Associação Normalista Álvares de Azevedo, que era o grêmio do ensino médio no Instituto de Educação “Carlos Gomes”, onde eu estudava. Era ligada à JEC (Juventude Estudantil Católica), e nós tínhamos um trabalho numa comunidade, ligado a uma igreja de um padre que era adepto da Teologia da Libertação, adotada pela Igreja Católica naquela década. Eu vou tendo essa

⁴ Trata-se de um movimento criado por um grupo de estudantes e pais “preocupados com o grau de contaminação ideológica nas escolas”, conforme declarado pelo próprio movimento, sob a liderança de Miguel Nagibe. A intenção do movimento, porém, ao levantar a bandeira de uma suposta neutralidade nas escolas, fica evidente. O que se busca é despolitizar a educação, o que é uma falácia. Isso porque, sempre haverá um quadro de valores, declarados no não, regendo as decisões e as práticas educativas. Logo, a politicidade da educação resta presente.

formação progressista e solidária. É importante destacar que, nesse momento histórico, havia uma disputa política muito clara entre diferentes forças sociais e modelos político-filosóficos na qual, obviamente, a igreja católica teve um peso muito grande. Havia um grupo que era considerado “socialista-cristão”. Bom, nesse início de década, na minha avaliação, não só no Brasil, mas na América Latina, todo adepto da Teologia da Libertação era um admirador das teorias de Paulo Freire. Portanto, a questão da alfabetização de jovens e adultos entra para a agenda nacional, pela primeira vez, como prioridade da educação. A disputa pela alfabetização era princípio de cidadania e, obviamente, a possibilidade de você ter a construção de um outro país passava pela construção de um novo “Homem”, mais preparado, com mais instrução. Hoje nós falamos em sociedade do conhecimento, mas, na verdade, vai ser no “nacional-desenvolvimentismo”, que é esse momento entre 1955 e 1963, que se tem a crença, de que a Educação vai ser a ferramenta para gerar a possibilidade de modificação e de construção de uma nova sociedade, de um novo Homem, com h maiúsculo, já que naquele momento a questão de gênero não estava colocada. E Paulo Freire ganha um destaque muito grande, porque todo movimento progressista vai adotar como prioridade a alfabetização de adultos e o “método Paulo Freire” como forma de superar essa grande dívida social, que era o altíssimo número de analfabetos no Brasil. A União Nacional dos Estudantes (UNE) vai adotar os Círculos Populares de Cultura (CPC) e recomendar, digamos assim, que cada escola assumisse uma classe de alfabetização, aplicando o “método Paulo Freire” mesmo quem não tivesse formação especializada. E aí entram, a UCES, União Campineira de Estudantes Secundaristas (da qual eu era integrante) e a UEE, União Estadual de Estudantes, para defenderem que os estudantes ajudassem o Brasil a ser diferente, pela esquerda. E como é que se fazia isso? Além de discutir propostas socialistas, pelo processo de alfabetização utilizando o “Método Paulo Freire”. E a gente chamava Método sem nenhum problema, já que era um procedimento, que além de cidadão levaria a uma formação para a “revolução brasileira”, que muitos jovens também estavam empenhados em fazer acontecer. Muitos não, eu diria os grupos mais engajados, mas certamente a Juventude Católica, estava empenhada na construção de um novo país.

Bem, vocês podem achar estranho, mas, naquele momento a gente não tinha lido nada de Paulo Freire, só a sua proposta de alfabetização. Efetivamente tinha a proposta da metodologia, e a gente sabia que era, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, ligado ao INEP, onde, hoje funciona a Faculdade de Educação da USP, é que se produziam os slides para o “Método Paulo Freire”. E nós usávamos inclusive projetor de slides, mas nem sempre

isso era possível, e aí utilizávamos a criatividade, adaptando um sistema precário, a gente adaptava uma caixa, com uma vela atrás, ou uma lâmpada, e dávamos aula, fazíamos a pesquisa, seguindo os “passos” do método dessa maneira. Então, eram procedimentos extremamente simples, mas que funcionavam. E eu estava no segundo ano do curso Normal (1961). Nós achávamos que tínhamos formação adequada e trabalhávamos com segurança, porém, não havia problema nenhum de quem estava fazendo Científico ou Clássico trabalhar com a gente, porque o importante era que o trabalho chegasse nas comunidades. E o ponto central era o reconhecimento deles como pessoas, pessoas de direitos e, portanto, (re)conhecer a história de vida deles como ponto de partida da aula. O Paulo Freire ficaria surpreso, do que era feito em nome dele (risos). Mas, de todo jeito foi minha primeira experiência de alfabetização também. E a gente era muito bem-sucedido. Claro, tinha a proposta de alfabetizar em 30 horas, que nunca funcionou em São Paulo; a gente demorava mais e ia fazendo conforme dava. Então se você perguntar “por quanto tempo” durava a atividade, eu não sei dizer. Talvez a gente tenha ficado neste bairro por cerca de um ou dois anos, entre os anos de 1961 e 1962. Em 1963, eu já estava fazendo Pedagogia e as condições políticas começam a se acelerar.

Sandro de Castro Pitano e Alexandre Saul - Sobre a convivência com o Paulo Freire, que aspectos você considera marcantes na sua convivência com ele?

Lisete Arelaro - Bom, eu só vim conhecer pessoalmente o professor Paulo Freire depois da Anistia, quando ele volta ao Brasil em um encontro na PUC-SP, que foi emocionante. E daquele dia em diante, eu comecei a prestar mais atenção no Paulo Freire e na sua obra. Até aquele momento, talvez, eu não fosse uma “paulofreireana”. Eu já atuava em organizações políticas e, obviamente, a minha formação era marxista-leninista já que eu tinha sido uma “ampliação” do Partidão (que era como o Partido Comunista chamava sua disputa e formação política de lideranças da juventude), mais Paulo Freire, Sartre, e mais os teóricos da Teologia da Libertação. Essa “salada”. Como fui “ampliação do Partidão”, a gente lia, como tarefa, Marx, Engels e Lênin. Aliás, eu li mais Marx como tarefa do Partidão, do que em algum curso da universidade. E, portanto, quando Paulo Freire volta, nós estávamos naquele momento histórico, começando os anos 80, na luta pela redemocratização do país, contra a ditadura civil-militar. Estávamos criando várias entidades nacionais - a Central Única dos Trabalhadores (CUT,) o Partido dos Trabalhadores (PT), a Associação Nacional de Docentes

do Ensino Superior (ANDES), a Associação Nacional de Educação (ANDE), o Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) tinha sido criado em 1979, e ressignificado outras: a Confederação dos Professores do Brasil (CPB) passa a se chamar Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e a Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED) se torna autônoma em relação ao MEC que havia criado as diferentes Associações Nacionais ligadas às áreas de ensino. Nesta ocasião, estávamos organizando a “II Conferência Brasileira de Educação (II CBE), que aconteceu em Belo Horizonte, na UFMG. A primeira havia sido realizada em julho de 1980, na PUC, de São Paulo, que foi uma importante iniciativa de professores da área de educação, e totalmente autônoma. Foram organizadores: o CEDES, a ANDE, a ANPED e o CEDEC. Na II CBE, o Professor Paulo Freire já participou conosco, era uma reunião nacional, uma conferência livre, sem recursos do governo, para podermos discutir nossas questões sem intervenção do MEC. Se compararmos, era uma situação parecida com a que estamos vivendo agora no país, com a intervenção do grupo do MEC em cima do Fórum Nacional de Educação, para evitar que a CONAE, de 2018, seja uma conferência livre. Temos que ter clareza de que *golpe é golpe*, e, portanto, eles, do MEC, não são um grupo que estejamos interessados em conversar ou trabalhar juntos, eles são adversários, em função do projeto político-econômico que defendem. E, nesta direção, nós estávamos fazendo isso. Em 1982, em Belo Horizonte, o Paulo Freire já participa conosco, temos fotos dele lá. E como não tínhamos grandes espaços, e como um grande número de professores queriam estar com ele, ouvir o Paulo Freire, a gente pôs uma mesinha na grama onde Paulo Freire se sentou e as pessoas todas sentaram um pouco nas cadeiras que tinham sido disponibilizadas e o resto sentou na grama. Eu diria que a partir daí eu já tinha começado a ler as obras do Paulo Freire. Eu nunca estudei Paulo Freire na universidade, apesar de eu ter feito Pedagogia na Universidade Católica de Campinas, (ainda não era PUC). Evidentemente, os existencialistas cristãos eram mais lidos e, eventualmente, até Marx era mais lido do que Paulo Freire, mas ele estava surgindo também. Eu só fui ler a Pedagogia do Oprimido, por exemplo, no final dos anos de 1970. Só para situar no tempo, eu entrei na Universidade em 1963 e logo em seguida a gente vai ter o golpe militar. Quer dizer que a situação também ficou mais crítica, mesmo que nossa prioridade fosse a revolução brasileira. A partir do encontro com Paulo Freire, no início dos anos 80, eu vou me aproximar dele cada vez mais até, exatamente, a eleição da Luiza Erundina. Nesse meio tempo, talvez tenha me encontrado umas seis ou cinco vezes com ele, sempre em eventos de Educação ou ligados ao PT, nos quais o Paulo Freire vai ter uma participação importante. Portanto, antes mesmo da gente

assumir o governo na gestão Luiza Erundina, nós já tínhamos tido encontros mais formais, em um Instituto do PT, o Instituto Cajamar, em Cajamar, onde a gente fazia reuniões, e formação de militantes e lideranças. Nessa época, eu já era uma militante do PT, e já tinha conversado com o Paulo Freire também, por ocasião da candidatura do Lula ao governo do Estado de São Paulo, em 1982. Lula, naquele período, ainda era pouco conhecido nacionalmente, ainda que tivesse surgido como a principal liderança dos metalúrgicos da região do ABCD, nas famosas greves de 1978, que levou a um processo brutal de intervenção nos sindicatos. E já nessa ocasião, nós levamos para o Paulo Freire ler e discutir conosco, as propostas de governo para a educação, que havíamos proposto. O Moacir Gadotti vai, inclusive, propor um documento de princípios e diretrizes para a área de Educação do PT, sob a ótica freireana. Portanto, entre os anos de 1980 e 1982 já vai existir um documento sobre a concepção de Educação, dentro do PT, assinado pelo Paulo Freire. Na verdade, o primeiro prefeito eleito pelo PT, foi eleito em 82, foi o Gilson Menezes, de Diadema. Naquele momento, só para lembrar, fora São Paulo, porque as capitais eram consideradas áreas de segurança nacional, os prefeitos tinham seis anos de mandato e é a partir do mandato do Gilson, que vai sendo construído aquilo que depois ficou conhecido como o “modo petista de governar”, que é ter a gestão democrática como prioridade, não só na área de Educação, mas como uma proposta geral de governo, para todas as áreas. Agora, do ponto de já vista concreto, a não ser essa experiência de alfabetização de adultos, neste grupo popular, eu tinha um trabalho de caráter mais político com a população, e minha militância maior era em escolas, com professores e na escola formal. Em 1970, eu já era professora efetiva de Educação, em Conchas, interior de São Paulo e cursava pós-graduação em Ciências Sociais, na USP. Então, fora o Gadotti, e o pessoal que hoje nós chamaríamos do MOVA (Movimento de Alfabetização), apesar de também trabalhar com educação de jovens e adultos, eu não tinha uma proximidade com os movimentos populares, então, eu não vou, por exemplo, me aproximar do Paulo Freire por essa via. Até encontrava com o Gadotti porque a gente estava no PT, e eu tinha um certo contato, meio indireto com o Paulo Freire, e me lembro que quando a Elza Freire, primeira esposa dele, faleceu, sou testemunha de ter visto ele sentadinho numa cadeira de balanço, bem abatidinho. Mas eu não tinha uma intimidade para o abordar fraternalmente e fazer as coisas que depois eu pude fazer, como amiga. Então, era mais uma atitude de respeito e admiração porque, até 1989, quando a gente vai para o governo, para mim, o Paulo Freire, como para todos os brasileiros e todos os estudantes, era um mito. Na verdade, eu tinha um pouco de receio de trabalhar no governo com Paulo Freire, porque eu já tinha acompanhado algumas lideranças

que foram exiladas e que estavam voltando e eu tinha tido um pouco de decepção política porque como era uma militante política, íamos encontrá-los na expectativa de discutir o que fazer neste primeiro movimento de “redemocratização”. Também era um momento complicado, porque o fim do governo militar se deu por negociação, sem nenhum compromisso com mudanças estruturais. Mas, como eu tinha sido militante de partido clandestino e, portanto, tinha sido presa, logicamente eu tinha uma cobrança sobre como é que nós iríamos retomar a questão da revolução brasileira. E da América Latina que nós tanto tínhamos discutido. Eu estava receosa porque, em geral, até algumas referências políticas minhas que foram exiladas, quando voltaram, de certa forma tinham um discurso muito parecido com aquele que eles tinham quando saíram do país. E tinham se passado mais de dez anos, portanto as propostas eram inócuas ou retrógradas. Por isso, eu ficava muito preocupada em saber o que o Paulo Freire proporia. E essa foi minha primeira surpresa positiva em relação ao Paulo Freire. Primeiro, em todo o tempo que eu, a partir daí, vou estabelecer uma relação mais próxima com ele, eu não me lembro nenhuma vez do Professor Paulo Freire tentar repetir as coisas que tinha feito ou que ele tinha proposto na década de 60. Essa foi para mim a primeira surpresa, boa surpresa. A segunda foi que o Paulo Freire, em 89, ele já estava no século XXI. Isso para mim foi um prazer imenso, primeiro trabalhar com ele e, segundo, aprender muito no sentido, do que significa a construção de um novo futuro, foi muito bom. Ele era um homem muito sagaz politicamente, pedagogicamente não havia dúvidas, mas politicamente me surpreendeu bastante. A ideia de que “o mundo não é, ele está sendo” era uma estimulante realidade. E de lá para cá, a gente veio mantendo relações sempre muito sinceras, muito construtivas. E eu aprendi muito. Ainda hoje eu aprendo com ele. Logicamente a gente tinha muitos momentos de discussão, às vezes, eventualmente, até com posição divergente, que também é uma coisa que o Paulo Freire nunca se incomodou. Pelo contrário. Nunca o Paulo Freire perguntou para mim, por exemplo, e nem o vi fazer com os outros militantes ou colegas de trabalho, de que tendência, de que grupo político a gente fazia parte, dentro ou fora do PT. Veja que esse comportamento expressa uma certa generosidade, uma abertura, até porque naquele momento, nós éramos oito ou nove grupos dentro do PT. Ele só às vezes perguntava para mim, ele não entrava na discussão desses grupos, ele tinha essa sabedoria, de se poupar. Ele às vezes me chamava, porque do grupo que estava mais próximo a ele, eu era talvez a militante mais, digamos assim, partidária no sentido de frequentar núcleo de base, pertencer a um grupo político de dentro, enfim. E, às vezes, ele perguntava: “Lisete, mas afinal de contas, por que o grupo x não se dá com o grupo y, o que

tem de tão diferente nas suas concepções? No que eles divergem? Se os dois grupos são socialistas”. Essa era uma questão que naquele momento do PT efetivamente se discutia. Essa foi uma situação que o PT perdeu, mas naquele momento, se você estava no PT e era socialista, isto era uma coisa comum entre diferentes tendências. Então esse foi o início mais sistemático de nossas relações, a que eu tive o privilégio de manter. Fiquei muito surpresa com a morte dele porque eu acho que ele estava muito bem. Nós tínhamos estado juntos, na semana anterior de sua morte, numa Banca de doutorado na PUC, com Ana Maria Saul. E a gente estava discutindo a realização de uma viagem, no mês de julho, para um congresso em Portugal no qual ele seria homenageado. E a gente tinha combinado detalhes do roteiro, ele queria conhecer as cidadezinhas da orla marítima portuguesa. E a gente brincou, porque ia ser um congresso que muita gente da PUC iria. Então, eu falei: “Professor, vamos estabelecer um critério bem pedagógico: quem guia van, vai”, porque a gente ia alugar uma van para percorrer as cidades. “Quem não guia van, não vai” (risos). Foi o meu último contato com ele, e ele estava muito animado, porque, além disso, se não me engano em agosto ou junho, ele iria para Cuba para receber das mãos de Fidel talvez o diploma que ele mais tivesse prazer de receber, que era o fato de Cuba reconhecer nele uma referência importante na área de Educação. Lembrem-se que, historicamente, essa discussão que hoje também no Brasil incomoda, o fato de Paulo Freire defender a autonomia das escolas e dos professores em propor os seus currículos, de ser contra ter um programa com assuntos previamente determinados, mesmo que relevantes, era alguma coisa que incomodava muito o governo de Cuba, exatamente por conta da influência russa e sua posição de defesa de um programa único, como direito democrático. Quando acreditamos que a função da escola é a instrução e que isto é um ganho para o trabalhador, que nunca tinha tido esta oportunidade, então o programa único desenhado pelos que fizeram a revolução, libertava. Por isso, não era uma divergência tão simples. A gente sabe que o Paulo Freire não era defenestrado porque era um “revolucionário”, mas eles divergiam sobre essa questão e no início do processo revolucionário não adotavam as ideias de Paulo Freire. Então, essa recomposição com Fidel Castro era uma coisa que ele estava curtindo, estava muito feliz com isso, porque era também um outro momento de Cuba, de aceitar, inclusive, a possibilidade dessa discussão. Superava-se a ideia de que o planejamento da educação nacional é decidido por cinco pessoas que mandam. Como aliás hoje faz o MEC e o grupo do PSDB no governo.

Sandro de Castro Pitano e Alexandre Saul - Conte como foi a sua participação na chamada "Gestão Paulo Freire", na cidade de São Paulo, durante o governo da prefeita Luiza Erundina de Souza.

Lisete Arelaro - Bem, do grupo que assumiu junto com Paulo Freire, eu era a pessoa que já tinha trabalhado em secretarias de educação e conhecia boa parte dos trâmites burocráticos. Eu tinha tido uma experiência de vida peculiar. Quando eu fui processada na 2ª auditoria militar, se você for funcionária pública, junto com o processo de subversão, você responde um processo administrativo. Como eu era professora efetiva em Conchas, professora de Educação, do curso Normal, eu respondi a este processo e fui absolvida no processo administrativo. A razão pela qual eu fui absolvida foram os depoimentos de meus colegas, colhidos em Conchas. Só para vocês entenderem, eu tinha assumido no dia 01 de agosto de 1970 meu cargo efetivo e eu fui presa em 2 de dezembro, em São Paulo e, portanto, eu tinha pouco tempo de atuação no Instituto de Educação Prof. Ferraz Godinho, em Conchas. Conchas é uma cidade perto de Sorocaba, que tinha dez mil habitantes na época e tinha o Instituto de Educação, que atendia ao conjunto de cidades próximas. Então, era um Instituto de Educação grande. Quando eu fui assumir, o que já é um problema assumir na metade do ano, ali tinha um professor jovem, que estava dando 44 horas de aula, porque era um recém-casado, tinha um filhinho recém-nascido, que ficou desesperado quando assumi o cargo, e como eu era a primeira professora efetiva da escola, eu tinha a prioridade de escolher quantas e quais aulas eu queria ministrar. E eu assumi somente 18 aulas, e também assumi aulas no período noturno. Nesse momento estavam começando as novelas na TV Globo. Bom, ninguém na escola queria dar aulas na hora da novela da Globo, porque era a grande inovação. Então eu fui considerada a pessoa mais generosa possível porque eu resolvi dar aula à noite, não peguei 40 horas e, portanto, meu colega continuou empregado. Eu estou dizendo isso porque eu fazia pós-graduação, na USP, em Ciências Sociais, ainda quando a FFLCH funcionava na Maria Antônia. Fui aluna do último ano da USP, na Maria Antônia, em 1968. E tive o privilégio de ser aluna, em 1969, no último ano do Prof. Florestan Fernandes e do Prof. Otavio Ianni. E, por conta disso, eu fui absolvida no processo administrativo, porque todo mundo só falou bem de mim, ainda que não por razões da qualidade de minha atuação docente. Eu fui uma das poucas professoras que foi absolvida em processos administrativos, até porque minha militância política não estava em Conchas, estava aqui em São Paulo. Então, eu ficava em Conchas, dois dias e meio praticamente, dava minhas 18 aulas e o resto

do tempo estava em São Paulo. Portanto, não tinha uma acusação de uma atividade política revolucionária, ou “comunista” como era chamado qualquer atividade de conscientização. E, portanto, eu fui absolvida no processo administrativo, mas eu estava respondendo processo na Segunda Auditoria Militar. Então, eu não podia dar aula porque “comunista” não pode dar aula. Então, eu fiquei afastada junto à Secretaria de Estado da Educação (SEE) por mais de cinco anos, exatamente até meu processo ser julgado em definitivo, na Auditoria Militar. Nesse período, como eu era comunista, eles achavam que se eu trabalhasse com números, os números são neutros, suprapartidários e supra concepção política. Então, foi nessa circunstância que eu comecei a trabalhar com orçamento público, aprendi com os grupos conservadores, mas competentes, da Secretaria, como se fazia orçamento, suas normas, rotinas e legislação. Fiz cursos de orçamento programa, que era considerado uma renovação incrível sobre o orçamento tradicional. E fiquei trabalhando no Departamento de Planejamento da SEE, com construções escolares, que para eles, se eu trabalhasse com localização de escolas, com demanda escolar, eu arrumaria menos problemas. Com isso, eu tinha um certo conhecimento sobre o que era portaria, memorando, como se encaminhavam as coisas, via burocracia, que era uma experiência que poucos de nós tínhamos. Hoje, nós temos um número significativo de professores preparados para assumir funções administrativas com competência, o que é inimaginável em relação a 1989! Nós não tínhamos sequer número de diretores, de pessoas formadas em Pedagogia, para assumir o cargo de diretor de escola, só para vocês imaginarem as dificuldades. Então, essa situação nos alertou para a necessidade de investir muito em formação. Minhas funções na Secretaria de Educação eram duas: primeiro, responder processos, porque os processos exigiam aquele jeito formal de escrever. E era uma fase bonita do PT, mas que, em geral, o petista era muito sincero e escrevia coisas inimagináveis nos processos, punha a opinião dele, do jeito como ele achava que a coisa pública devia funcionar, mesmo que não tivesse apoio legal. Então, eu tinha que fazer uma triagem no que era encaminhado para o Prof. Paulo Freire assinar. E a segunda tarefa era o orçamento e seu acompanhamento. Quando a gente assumiu, uma das nossas maiores dificuldades foi saber exatamente, quanto dinheiro nós tínhamos, o que já tinha sido pago, o que a gente devia, que contratos existiam. Nós sucedemos o Jânio Quadros e o assessor financeiro do Jânio Quadros, que depois vai ser o assessor de confiança do Paulo Maluf, apagou todos os dados do computador, o que demonstrava o respeito deles para com a coisa pública. E aí, realmente, a gente teve que apelar para amigos militantes com formação na área para nos ajudar. Nós tínhamos um amigo, chamado Toninho, que trabalhava no Banco Real,

que ganhava talvez, comparando com hoje, talvez uns 16 mil reais na função dele e ele aceitou trabalhar por 3 ou 4 mil reais, na secretaria, porque ele era um especialista e nós tínhamos que saber, afinal, de quanto dispúnhamos para os inúmeros projetos que queríamos desenvolver. Então, a gente trabalhava umas 18 horas por dia, mais ou menos. E acho que, no fundo, no primeiro momento que assumimos, acreditávamos que quanto mais trabalhássemos, mais aceleraríamos o socialismo (risos). E, depois de quatro anos a gente sabia que não era bem assim, mas, a gente trabalhava muito. E com animação, porque tinha essa questão nova, a primeira vez que o PT assumia a maior cidade da América Latina, a maior cidade do Brasil, a Prefeita eleita era uma mulher, nordestina, assistente social, que gosta de pobre. Portanto, a Luiza Erundina tinha todos os aspectos negativos para governar uma São Paulo elitista e preconceituosa. Uma questão também muito interessante que o governo da Luiza teve, e que não se repetiu em nenhum dos governos do PT, é que a Luiza escolheu, na verdade, secretários municipais de envergadura de ministros. Então, você tinha uma equipe da maior competência política, profissional e ética. Você teve não só o Paulo Freire – ainda que bastaria o Paulo Freire para justificar a excelência - mas você tinha o Prof. Paul Singer, a Marilena Chauí, o Prof. Dalmo Dallari, o Alípio Casali, o José Eduardo Cardoso, e a de Assuntos Regionais. No Gabinete estava também o Ladislau Dowbor. Enfim, nós tínhamos pessoas de destaque nacional pela sua atuação e que não se repetiu. A Luiza conseguiu também um fenômeno que era, apesar de todos eles serem personalidades com história internacional, eles se constituíram e atuaram em equipe. E a Luiza estabeleceu, como rotina de governo, reuniões semanais, o que foi possibilitando também uma gestão de caráter cada vez mais coletivo. Em relação à educação, tínhamos um programa de governo que parte da equipe tinha participado da escrita, mas não sabíamos muito bem o que ia acontecer, pois entre escrever e fazer, as coisas são diferentes e a realidade nem sempre é do jeito que a gente imaginava originalmente. Então, minhas responsabilidades, junto com uma pequena equipe, eram garantir que as questões de dinheiro, dos recursos financeiros pudessem ser decididas e assinadas pelo Paulo Freire com segurança, bem como a elaboração também dos pareceres. É certo que o próprio Paulo Freire não ia tratar ou cuidar da parte estritamente burocrática, que no serviço público é de uma quantidade significativa, sendo garantia da continuidade dos projetos definidos, de forma coletiva.

Sandro de Castro Pitano e Alexandre Saul - Considerando o Brasil, no momento atual, em meio a tantas crises: política, moral, econômica... que elementos do pensamento freireano você destacaria como fundamentais para a compreensão e o enfrentamento dessa realidade?

Lisete Arelaro - São muitos. Primeiro: a Pedagogia do Oprimido. Ele é um livro que tem vida absolutamente atual e é um livro, cuja leitura deveria ser obrigatória para todo estudante universitário. Na verdade, a base e os princípios do pensamento freireano estão ali e foram sendo cada vez mais trabalhados nas outras obras. Sua teoria epistemológica sobre a aprendizagem e o processo de alfabetização e de conscientização estão ali, a relação entre teoria e prática para conseguir atingir o processo de “conscientização”. Ou seja, entender o que é e como se chega a uma pedagogia libertadora. E isso deve ser motivador para nos perguntarmos, para que serve a escola? Eu acho que essa discussão hoje, com a Escola Sem Partido sendo estimulada de várias formas, na prática docente, contra a autonomia dos professores de dizerem o que pensam e de formarem uma consciência crítica em seus alunos explicita o porquê Paulo Freire vem sendo atacado por esse grupo. Deixar claro que a educação é um ato político fere de morte quem sustenta – ainda que mentirosamente – que a educação é neutra. E que adotarmos um currículo único, como pretendem os que defendem uma Base Nacional Comum Curricular, baseada na Pedagogia das Competências, pode ser uma forma esperta de fazer do ensino e da educação estratégias de alienação política, científica e artística. Não por acaso, Paulo Freire também defende que o ato pedagógico é um ato coletivo, no sentido de que o processo de ensino-aprendizagem não se resume no esforço individual de um professor ou de uma professora, mas equipe escolar. Por isso, a elaboração de uma proposta coletiva que gere um plano político pedagógico em que o grupo escolar – com seus participantes internos e externos – possa traduzir seu conhecimento do local e das condições político-sociais e pedagógicas onde a escola está inserida é fundamental. A interdisciplinaridade do conhecimento exige que o projeto e a atuação dos profissionais de ensino traduzam essa complexidade. Se analisarmos a Pedagogia da Autonomia, em cada um dos seus criativos aspectos, vamos constatar que se trata de um rico compêndio de orientação, diretrizes e reflexão para professores de qualquer nível ou etapa de ensino. E de qualquer disciplina. Paulo Freire trabalha ali a grande disputa que estamos enfrentando hoje entre o *saber* e o *ser*. Entre a conduta coerente e ética e a mercantilização do ensino. Eu gosto de falar que o Paulo Freire também era comunista, quer dizer, ele era um homem que defendia um novo tipo de sociedade, que apostava que ela seria construída coletivamente, a favor da

solidariedade social e de uma distribuição mais justa das riquezas materiais e imateriais produzidas – de um processo de libertação que possibilitaria um processo de (re)humanização dos homens e das mulheres. Eu considero que sua teoria do “inacabamento” é muito interessante. Quer dizer, você nunca estará totalmente liberto se você considerar só seu processo individual e não o que viabiliza a transformação social, a comunidade humana. Portanto, esse processo de inconclusão é que nos obriga permanentemente à busca desse desenvolvimento, e que só a práxis pode gerar uma nova teoria que nos permita continuar a busca para alcançarmos um processo de conscientização que ainda não temos hoje. Paulo Freire propunha o combate permanente ao capitalismo internacional e demonstrou como a globalização não vem permitindo uma maior justiça social na humanidade, mas o enriquecimento, cada vez maior, de um pequeno grupo, apesar do discurso hegemônico de que só essa forma de (con)viver é possível. Hoje, o capitalismo precisa que todos sejamos cada vez mais consumidores. E tudo vem sendo transformado em mercadoria, em valor financeiro no mercado de ações. Por isso, ele é um grande humanista, pois ele propõe que a gente tenha consciência de que esse caminho nos destruirá, destruirá nossa civilidade, nossa espécie, no que ela tem de essencial.

Sandro de Castro Pitano e Alexandre Saul - Na sua concepção, o que o pensamento freireano representa de mais impactante para a sociedade e para a educação, em especial?

Lisete Arelaro - Bom, eu acho que é a proposta do Paulo Freire de que ninguém ensina ninguém e que o conhecimento se constrói em comunhão, é revolucionário e nos obriga a uma revisão das relações societárias que temos. Assumir esta concepção implica rever a organização escolar, sempre muito hierarquizada, e levaria a um respeito mútuo que nós também não temos nas nossas escolas e na sociedade, porque o titulado é quem sabe mais, tem mais poder e é a pessoa que tem valor. Portanto, o conceito do valor e da contribuição de cada um na construção social é uma das propostas mais bonitas da teoria dele, pois ele está propondo alternativas para você chegar àquela sociedade mais justa. Esse é um aspecto do Paulo Freire que eu sempre discuto com meus alunos, ou seja, o Paulo Freire não é um intelectual que só propôs uma teoria epistemológica, mas ele propunha e agia – a práxis é sua vertente fundamental – pois em cada lugar que tinha um movimento revolucionário ele estava lá para ajudar a construir uma nova sociedade, sempre liderando um projeto cheio de esperança e visão do futuro, mostrando e incentivando que a História não morreu e que somos nós, em comunhão, que definimos nosso destino, e, portanto, ele foi um homem que propôs e

fez. E nesse sentido ele é coerente com a proposta dele de fazer da “ação, teoria e ação”, um método de reflexão crítica e de vida.

Sandro de Castro Pitano e Alexandre Saul - O que você considera que Paulo Freire tenha deixado como legado, podendo ser considerado elemento demonstrativo de sua presença, passados vinte anos de sua ausência pessoal?

Lisete Arelaro - O grupo preconceituoso e conservador da Escola Sem Partido escolher o Paulo Freire para ser vilipendiado é o melhor exemplo, não só da atualidade, do vigor do seu pensamento, mas de como a direita e os conservadores entendem, às vezes, mais do que os grupos progressistas a importância de Paulo Freire. Ou seja, se você fizer o que o Paulo Freire está propondo, você atrapalha o projeto deles. Se vocês tiverem paciência para entrar no site deles, vocês vão ver que, primeiro, eles deturpam a obra de Paulo Freire e, segundo, que têm por objetivo desqualificar Paulo Freire, pois sabem que ele pode ser uma ferramenta, um motivador do que eu chamaria de reconstrução nacional. Eu tenho uma orientanda que está fazendo um doutorado sanduiche numa universidade do estado da Califórnia, e ela conheceu uma liderança do movimento Ocupa Wall Street, e para surpresa dela, ele escreveu um livro sobre a disputa da hegemonia do mercado financeiro e ele usa na sua fundamentação Antônio Gramsci e Paulo Freire. Da mesma forma, o Paulo Freire significa, e eu acho isso muito importante, a possibilidade do amanhã ser diferente. A convicção e a possibilidade de você não se curvar ao peso do destino. Nesse momento histórico, em que as coisas estão muito difíceis, em que a direita avança a passos largos, a obra de Paulo Freire é um estimulante para a luta, enquanto símbolo de que a realidade não será necessariamente assim como eles querem, se houver resistência do lado de cá, e se a gente apostar na construção de um projeto que seja de caráter mais coletivo – e vou usar o termo que eu gosto, com todas as exigências que ele pressupõe – que seja revolucionário. São muitos os exemplos de motivação freireana para um outro amanhã. Eu tive um aluno colombiano que estuda a resistência de grupos indígenas em defesa de suas terras e sua cultura e ele estava estudando um grupo que faz essa resistência, da mesma forma como está acontecendo no Brasil, em relação a grupos ruralistas que querem dizimar nossos poucos indígenas sobreviventes. Os indígenas têm um movimento de resistência muito bonito e a surpresa dele é que quando ele perguntou quem os orientava, qual era a liderança ali que os mantinham na luta, a surpresa foi ouvir desses índios que era Paulo Freire. E ele disse: “Eu fiquei envergonhado porque eu não sabia quem era Paulo

Freire, já tinha ouvido falar, mas os índios não só já o conheciam, como o tinham como referência de resistência social”. São exemplos que deixam claro que o Paulo Freire continua vivo na luta, por isso que ele é um “perigo”. Mesmo morto há 20 anos, ele é um comunista infiltrado, como eles gostam de dizer (risos). E a obra dele tem um significado para além dos movimentos educacionais. Está presente nos movimentos populares de saúde, nos esportes, na cultura, na assistência social, na gestão pública de alguns municípios, e como área de pesquisa de muitos pesquisadores brasileiros e internacionais. Coerente com o que ele pensava, a Educação se dá em todo e qualquer espaço em que se pretenda o desenvolvimento crítico e libertador de pessoas e grupos sociais. Claro, a escola tem sua especificidade, mas nós temos que aprender a olhar a complexidade social e, acima de tudo, a história de vida que cada criança, que cada jovem, que cada adulto que vá procurar a escola tem, para a partir dela, e nosso projeto educacional possa ser mais adequado, significativo, instigante, e, portanto, gere o prazer de conhecer, de estudar, de construir um mundo esperançado.

Sandro de Castro Pitano e Alexandre Saul - Prezada profa. Lisete, agradecemos muito por ter criado espaço em sua agenda para conversar conosco e pela entrevista concedida. Chegando ao final do nosso diálogo, há mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

Lisete Arelaro - Sim, quero dizer da coerência do professor Paulo Freire em relação aos princípios de democracia e tolerância. No seu tempo como Secretário da Educação de São Paulo, Freire nunca se utilizou do Diário Oficial para impor alguma coisa. Nós assumimos a gestão com o salário dos professores atrasado com 2.500 docentes demitidos e 13.000 punidos por terem participado de protestos na gestão Jânio Quadros. E aí, o Paulo Freire em sua primeira coletiva de imprensa disse: “Olha, eu vou pagar os professores, vou pôr carteira nas escolas, vou arrumar as escolas para elas ficarem bonitas e vamos construir, com os pais, os professores, os funcionários, os alunos, uma escola de qualidade social”. E eu lembro como se fosse hoje, um jornalista da Folha de São Paulo dizer: “Mas professor, isso qualquer um faz, né? O senhor não vai, vocês não vão – para usar os termos de hoje - *ocupar os Bancos aqui da Avenida Paulista* - (era lá que a Secretaria da Educação funcionava), e *transformar em escolas de alfabetização de adultos?*” Como dizendo, isso que é revolucionário, isso é que se esperava que um “Paulo Freire” fosse fazer. E o Paulo Freire respondeu: “Nós não vamos fazer isso”. Era pura provocação. Eu admirava o bom humor dele, essa é uma outra coisa, o bom humor permanente do Professor. Eu nunca o vi perder a estribeira mesmo nas reuniões

ou discussões mais difíceis. E ele nunca, nunca perdeu a paciência e nunca se irritou. Até eu, às vezes, achava que ele era tolerante demais em relação a algumas pessoas porque a forma, inclusive, como às vezes as pessoas falavam com ele, era agressiva. E ele achava que estava tudo bem. Mesmo quando grupos populares começaram a criar Centro de Estudos, Escolas, Círculos, Grupos Paulo Freire, a gente dizia: “Professor, tem cada coisa estranha sendo criada em seu nome, tem que pôr uma norma, estabeleça umas cinco exigências para chamar Paulo Freire”. E ele sorrindo, respondia: “Desde que eles queiram mudar o mundo, deixa eles fazerem como eles acreditam, deixem fazer do jeito deles”. É isso. Que saudades de Paulo Freire.